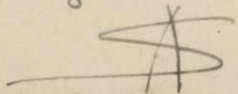


le de Agosto

E7/137

Meu caro broença: Ahi vai a ter-  
ceira epistola q' hontem domingo tra-  
cejei. Se lhe parecer melhor transfor-  
mar a 3.<sup>a</sup> em 2.<sup>a</sup> e a 2.<sup>a</sup> em 3.<sup>a</sup> exem-  
te de acordo. Muntas recommendações  
aos seus, e beijos aos dois pin-  
holhos.

Amigo certo

 eijos



Shi

CARTA A UM SAUDOSISTA

E7/137

Meu caro Augusto Casimiro:

Desta forma respondo á sua boa, doce e generosa carta, por se tratar de assunto que interessa a outrem, afóra o magnifico poeta que você é, e um bronco moirejador, seu admirador e seu amigo.

Antes de tudo, meu caro, devo justificar o meu ataque. Porque vos ataquei eu?

Porque somos na Renascença uma sociedade de educação, e porque o saudosismo se apresenta como ideal á mocidade, numa nação a decompor-se cujos membros soffrem, como doenças capitais, das doenças saudosistas.

Se o vosso chefe Pascoais, irmão amado de todos nós, se entretivesse a devanear novos sistemas do Universo, novas metafisicas, novas geometrias, novas fisicas, novas quimicas, eu jamais escreveria uma palavra contrastando-as, e tanto menos, certamente, quanto mais absurdas elas fossem: porque não viria desse caso nenhum mal ao nosso povo. Mas ele faz sermões á sociedade: e se quem expõe uma sciencia me pode ser indifferente, quem prega moral a uma comunidade de que sou solidario intervêm nos meus interesses e nos meus affectos mais profundos: tenho o direito e a obrigação de dar o meu voto na materia. Su ataque o vosso sermão, não pelo facto de o julgar errado (como julgo) senão pelo facto de o julgar perigoso, -senão pelo facto de o julgar nocivo.

A vossa propria pregação me seria indifferente se a pregasseis á juventude de uma nação forte, rica e sabedora; as simples aulas do liceu de uma nação civilizada varreria do espirito de uma criança os argumentos do saudosismo. Digo-o, meu caro, sem a minima sombra de desdém ou má vontade para com os vossos devaneios, ou para com o ensino em Portugal. Digo-o no tom de uma convicção ingenua e limpidissima: é uma idéa que se impôs como um facto ao meu espirito, nada mais. Em qualquer outro

shh

país da Europa o saudosismo não teria maus, nem bons efeitos: não teria efeito algum. Mas a mocidade e a patria portugueza apresentam no momento condições características, a que se não pode ser indifferente. Nunca uma nação precisou tanto de uma mocidade pratica, nobremente ambiciosa, honesta, sabedôra e lucida; nunca foi mais necessario criar uma geração de homens bons para os negocios, para o trabalho, para as industrias, para o saber experimental, — proprio, enfim, para uma forte "existencia de comerciante honrado" de que vocês desdenham — forma de existencia que nos urge contrapor á vida de bandido deshonorado que temos levado até agora! Tãdo aquilo de que necessitamos é o contrario do Portugal historico, da elegia e da pobreza que vós pre-gais, e o equivalente da concepção estrangeira que engrandeceu os ~~os~~ grandes povos. Ora a mocidade portugueza deixar-se — á envenenar pelas vossas pala-vras e coroará a vossa frente: porque as vossas palavras lhe lisongelam a preguiça natural, a igno-rancia da vida, e o doutorismo parasitário.

Tudo neste mundo é sofismavel; e poderis atirar sobre o saudosismo umas luminas de atividade que não conseguem convencer as pessoas de lucidéz: o resultado da pregação teria de ser fatalmente a persistencia no devaneio, na indigencia, na igno-rancia, na ociosidade, na poetica resignação ao "du-ro fado rigoroso", ao mesmo tempo que constitue um desgraçado exemplo da leveza com que architecta ideas e constroe um espirito, a ingenuidade letrada do poeta lusitano — leviandade de que o saudosismo, ~~##~~ perdoal dizê-lo, é ~~um~~ documento irrefragavel.

Justificada assim a minha attitude de "dissiden-te", eu começo por discutir o vosso dogma fundamen-tal.



Esse dogma é o da palavra mágica. O nosso i-lustre e amado Poeta, Teixeira de Pascoais, tem-no enunciado de mil formas, das quais tomo a seguinte, no Espirito Lusitano:

"Nós somos, na verdade, o unico povo que po-de dizer que na sua lingua existe uma palavra in-traduzivel nos outros idiomas, a qual encerra todo o sentido da sua alma colectiva. A alma lusitana concentrou-se numa só palavra, e nela existe e vive

como na pequena gota de orvalho a imagem do sol imenso. Sim: a palavra Saudade é intraduzível. O unico povo que sente a saudade é o povo português, incluindo talvez o galego, porque a Galiza é um bocado de Portugal sob as patas do leão de Castela."

E V., Casimiro, tambem me diz na sua carta que "a saudade é um sentimento muito nosso," o que bastaria para dar a entender que aceita o exclusivo do sentimento e o dogma da palavra, — palavra donde brotam sciencias, filosofias, religiões. Entenda-se: as difinitivas, verdadeiras, absolutas... Pois então?

O dogma do privilegio exclusivo da palavra é muito velho; o do exclusivo sentimento não podia deixar de ser novissimo. Novissimo e naturalissimo: como aceitaria um lusitano do seculo XX a possibilidade de se ser estrangeiro e ao mesmo tempo sentir saudades? Somos mesmo generosos de mais em admitir o estrangeiro, ainda sem saudade e outras partes. Como diabo se pode sêr estrangeiro? Comê diabo se pode sêr, já não digo só persa, mas francês, ou inglês, ou italiano? Você, Casimiro, chama-lhes "barbaros estrangeiros, mais fortes em negocios, — e em poetas embora!" Di-los mais fortes em negocios e em poetas; sabe tambem que os teria de confessar mais fortes em sabios, em artistas, em filosofos, em industriais: e chama-lhes barbaros! No instante em que escreveu aquilo V. criou realmente no seu espirito uma mentalidade de Lusitano, — de lusitano muitos seculos anterior a Viriato. A Inquisição aborrecia-os e chamava-lhes herejes; você aborrece-os e alcunha-os de barbaros: São dois momentos evolutivos do mesmo processo purificador.

Mas voltemos á palavra. Antes de agora se converter em dogma, a fé na palavra exclusiva vinha de D. Duarte até Garrett. "A palavra saudade — es creveu este, por mil oitocentos e vinte e tantos — é por ventura o mais doce, expressivo e delicado termo da nossa lingua. A idea, o sentimento por ele representado, certo que em todos os países o sentem; mas que haja vocabulo especial para o designar, não sei de outra nenhuma linguagem senão a portuguesa...."

Em mil oitocentos e vinte e tantos, Garrett (e não podia sêr outra cousa) não julgava o sentimento exclusivamente português. Para Garrett o es-

trangeiro existia, e era gente; mas julgava ainda — nesse tempo — só portugûesa a palavra. Em 1913 nem isto mesmo acreditaria. De 1820 a 1913 o universo caminhou — facto realmente extraordinario para a consciencia de um lusitano, mas assim mesmo verdadeiro.

Ainda eu não era nascido já o filologo Manuel de Mello refutára decisivamente o futuro dogma da palavra magica. Espero que lerá, meu amigo, as Notas lexicologicas desse autor, e me permitirá limitar-me a ligeiras citações.

Com efeito, existe equivalente da saudade em varias linguas europeias. O galego temos termos soledades, soedades, saudades; o catalão, anyoransa, anyorament; o italiano desio, disio; o rumano, doru ou dor; o sueco, saknad; o dinamarquês, Savn; e o islandês, saknaor....

Só haveremos a notar que estes barbaros (italianos, suecos, dinamarquêses, etc.) não lograram estofo mental suficiente para criar o disiismo, o saknadismo, o saknaorismo, o doruisimo, como nós outros, — caramba! — criámos o saudosismo. E não tanto porque sejam lôrpas, note bem: nós é que somos muitissimo sabios!

Mas voltando á vaca fria. É a doina uma cantiga melancolica dos rumanos, sobre a qual escreveu assim o rumano Cratinesco:

"Le principe de leur inspiration, c'est le doru, sentimento qui est plus aisé de décrire que de définir. Ce mot semble venir du mot latin desiderium, dont il exprime toutes les nuances: le regret d'un bien perdu, le chagrin que cause son absence, l'espérance de le recouvrer; le désir d'un bonheur que l'on ne connaît point encore et l'ivresse qu'en ~~on~~ accompagne la possession. Le retour ou la mort d'un ami, la complaisance ou l'infidelité d'une maîtresse, le charme ou la tristesse de la nature, la grandeur ou l'abaissement du pays, excitent dans les coeurs roumains ce sentiment étrange, à la fois doux et cruel, et que souvent la mort seule éteint. C'est quand le doru le travaille, que le paysan chante ses plaisirs et ses chagrins, ses héros, son histoire; son âme alors est une source intarissable de poésie...."

É, como o meu poeta vê, a saudade.

Na tradução francesa de uma poesia do seu



confrade romano Alexandri, doru ou dor é vertido pela frase désir mêlé de regret, com que é usual ~~se~~ representar também o nosso termo. <sup>u</sup> Passando a Italia, encontramos o disio- saudade em Dante, por exemplo, no oitavo canto do Purgatorio,

Era gia l'ora che volge il disio  
 Ai naviganti, e intenerisce il cuore  
 Lo di che han detto ai dolci amici addio

E che lo nuovo peregrin d'amore  
 Punge, se ode squilla di lontano,  
 Che paja il giorno pianger che si more.

que Fioravanti traduziu desta forma:

"C'est déjà l'heure qui réveille les regrets des navigateurs et attendrit leur âme," etc.

¿E o galego, que talvez conheça também a saudade, segundo Pascoais, — não poderia ele por acaso reclamar maiores direitos? Cita Pascoais o ~~ill~~ illustre filologo A.A. Cortezão, segundo o qual a palavra saudade começa a ser empregada, com a grafia soldade, por D. Dinis ou algum dos trovadores do ciclo dionisiano. O testemunho deste egregio erudito é antes perigoso para o saudosismo, se o ~~com~~ compararmos com uma nota de Milá y Fontanals á p. 59 do seu artigo De la poesia popular gallega, tomo VI da Romania, Paris, 1877: " Los portugueses tienen la palabra saudades (soledades, cast.; anyoransa, anyorament, junto com anyorar y anyorarse, cast., en ciertas casos regret fr., y desiderium lat.). De esta palabra han usado e abusado los poetas portugueses modernos. La forma gallega soldade se halla ya en el rey Deniz."

¿Pois não acha curioso este termo exclusivamente português que nasceu galego, e aquele abuso da saudade já consignado em 77, antes de se ter tornado a Metaphisica, a Religião, a Sciencia, a Política, a Economia, — absolutas e definitivas?

Soledades, soedad, saudades, soldás, apparecem vulgarmente nos troveros da Galiza. Repetirei dois exemplos que o meu poeta gentil me agradecerá certamente, porque são, como vai ver, deliciosos:

Digoch' este adiós chorando  
 Desd'a veiriña do mar.  
 Non m'olvides queridiña  
 Si morro de soldás...

Ela honesta está escoitando  
 Mais con suspiros responde,  
 Qu' aló guarda non sei donde  
Saudades de non sei cando.

E7/137

(Rosalia Castro,

Cantares gallegos)

Vamos agora ao catalão. Das formas citadas a primeira ocorre na Canso del siti de Frederich Soler

Ja'm migiava la anyoransa;  
 Ja girona, en mitz son dol,  
 Non tenia mes consol  
 Que'l consol de la venjansa.

Da forma anyorament dá exemplo a ode A' lingua catalã de Marte y Folguera:

Y qu'es dols alla' enrera del mar, en  
 llunyras terras,  
 pe'l catalã qu's troba ferit d'anyorament,  
 senti'la ven amiga que amplena nostras  
 serras  
 pogué' parlá' una estona sens traduhir  
 l'accent!

E que mais ainda? os proprios bichos do norte, parentes daqueles "barbaros mais fortes em negocios, — e em poetas embora!" — como me diz na sua carta, lá teem tambem — sacrilegio! — lá teem tambem a sua saudade! George Marsh, nas Lectures on the English Language, publicadas por W. Smith, 5ª ed., 1868., p.55, ensina-nos o seguinte:

"A palavra portugêsa saudade tem sido dada por Portugueses como peculiar á sua lingua, e como não encontrando equivalente em nenhuma outra da Europa. Entretanto existe palavra semelhante, com a mesma significação geral, e muitas vêzes com a mesma significação precisa, em Islandês, Sueco, e Dinamarquês, nas repectivas formas saknaor, saknad, e Savn."

Concluo pois de tudo isto que não ha motivo para desesperar de que os barbaros atinjam a nossa civilização. Pelo menos os italianos, os suecos, os norueguêses, e os dinamarquêses. Eles teem a saudade, teem a palavra correlativa; eles produziram ultimamente Ardigos, Ferreros, Lombrosos, Mos-

sos, Ferris, Marconis, Croces, Ibsens, Bjoernsons, Nobels, Brandes, Strindbergs, Hoeffdings e outras criaturas que, sem grande exagero, poderemos chamar civilizadas. Não ha razão para desânimos, meu poeta! Com mais algum esforço chegarão ao saudosismo.

Santo Deus! Agora vejo que fui lançar um bronco penedo filologico sobre a sua carta tão mimosa. Infinitamente deploro a minha horrenda rusticidade de Caliban entre tantas fadas e maravilhas; mas fico pensando que sacrilego seria atirar ao publico (" respeitavel" sempre, mas profano) a minha muito agradecida emoção e encantamento pela nobreza, pelo carinho, e pelo "halito de jasmim" dos seus dizeres. Tudo isso ficará para quando lhe puder dar um abraço hereje, e barba-ro, mas muito grato admirador

Antonio Sergio.

o seu

